

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

O SOFRIMENTO NA VIDA E MINISTÉRIO DE PAULO: PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS  
E PASTORAIS

João Otávio Gomes de Almeida

João Otávio Gomes de Almeida

O SOFRIMENTO NA VIDA E MINISTÉRIO DE PAULO: PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS  
E PASTORAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos

São Paulo

2025

Almeida, João Otávio Gomes de

O sofrimento na vida de Paulo: perspectivas teológicas e pastorais. / João Otávio Gomes de Almeida. – São Paulo: 2025. 47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos

1. Teologia paulina. 2. Sofrimento. 3. Cristo. 4. Mistério pascal. 5. Pedagogia divina. I. Título. II. Santos, Pedro Evaristo Conceição.

CDD 253

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

João Otávio Gomes de Almeida

O SOFRIMENTO NA VIDA E MINISTÉRIO DE PAULO: PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS  
E PASTORAIS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos – Orientador

Prof. Dr. Marcos de Almeida - Leitor

## RESUMO

Este trabalho investiga a teologia do sofrimento desenvolvida pelo apóstolo Paulo em suas epístolas, analisando como o apóstolo compreende a dor não como obstáculo à fé, mas como instrumento pedagógico divino. A pesquisa examina as principais categorias teológicas presentes em Romanos, 2 Coríntios, Filipenses e 2 Timóteo, considerando tanto elementos doutrinários quanto a experiência pessoal de Paulo, marcada por perseguições, prisões e privações. O estudo demonstra que Paulo ressignifica teologicamente suas aflições, apresentando o sofrimento como participação no mistério pascal, meio de identificação com Cristo crucificado e instrumento para o avanço do evangelho. A pesquisa evidencia que a teologia paulina inverte radicalmente valores mundanos: a fraqueza torna-se lugar privilegiado da manifestação do poder divino, a cruz revela-se como sabedoria de Deus, e o sofrimento apostólico autêntica a mensagem evangélica. O trabalho articula ainda a dimensão eclesial do sofrimento, demonstrando que Paulo o compreende em referência ao Corpo de Cristo, com profunda solidariedade comunitária. Conclui-se que essa teologia oferece fundamentos pastorais relevantes para a Igreja contemporânea, capacitando cristãos a abraçar o sofrimento com sentido quando decorre da fidelidade ao Evangelho, confiando na suficiência da graça divina e na esperança escatológica da glória futura.

Palavras-chave: Teologia paulina; Sofrimento; Cristo; Mistério pascal; Pedagogia divina;

## ABSTRACT

This study investigates the theology of suffering developed by the Apostle Paul in his epistles, analyzing how he understands pain not as an obstacle to faith but as a divine pedagogical instrument. The research examines key theological categories in Romans, 2 Corinthians, Philippians, and 2 Timothy, considering both doctrinal elements and Paul's personal experience marked by persecution, imprisonment, and deprivation. The study shows that Paul theologically reinterprets his afflictions, presenting suffering as participation in the paschal mystery, a means of identification with the crucified Christ, and an instrument for the advancement of the gospel. It demonstrates that Pauline theology radically inverts worldly values: weakness becomes the privileged context for the manifestation of divine power; the cross is revealed as the wisdom of God; and apostolic suffering authenticates the gospel message. The work also articulates the ecclesial dimension of suffering, showing that Paul understands it in reference to the Body of Christ, marked by deep communal solidarity. The study concludes that this theology offers significant pastoral foundations for the contemporary Church, enabling Christians to embrace suffering with meaning when it arises from fidelity to the Gospel, trusting in the sufficiency of divine grace and in the eschatological hope of future glory.

Keywords: Pauline theology; Suffering; Christ; Paschal mystery; Divine pedagogy.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACF – Almeida Corrigida Fiel (tradução bíblica)

ARA – Almeida Revista e Atualizada (tradução bíblica)

ARC – Almeida Revista e Corrigida (tradução bíblica)

BDAG – A Greek-English Lexicon of the New Testament (dicionário/léxico)

cf. – Confer/Compare (consulte ou compare com)

LSJ – Liddell-Scott-Jones (dicionário grego-ínglês clássico)

NVI – Nova Versão Internacional (tradução bíblica)

p. – Página

v./vv. – versículo(s)

## SUMÁRIO

Introdução	8
1 Panorama Do Sofrimento Em Paulo	10
1.1 O Vocabulário E A Compreensão Teológica Do Sofrimento	10
1.2 O Sofrimento Apostólico: Perseguições, Perigos E Oposição Interna	11
1.3 O Sofrimento Extremo: Apedrejamento, Morte Iminente E Autenticidade Apostólica	12
1.4 Teodiceia E Propósito Redentor: O Sofrimento Como Autenticidade	13
2 O Sofrimento Como Experiência Existencial E Teológica Em Paulo	14
2.1 Revelação, Fraqueza E Graça: 2 Coríntios 12:1-10	14
2.2 Abandono Humano, Consolo Divino: 2 Timóteo 4:6-18	16
2.3 O Paradoxo Do Poder: Síntese Teológica	18
3 O Sofrimento Como Instrumento Positivo Para O Evangelho	20
3.1 Contexto Histórico E Teológico De Filipenses: Paulo Em Prisão	20
3.2 O Sofrimento Como Catalisador Missionário	21
3.3 A Transformação De Perspectiva: De Obstáculo A Oportunidade	25
4 O Sofrimento E A Identificação Com Cristo	30
4.1 O Sofrimento Como Pedagogia Divina	30
4.2 A Cadeia Da Esperança: Romanos 5:3-5	30
4.3 Gemidos E Glória: Romanos 8:18-39	33
4.4 O Conhecimento Supremo: Filipenses 3:10	38
5 Perspectivas Teológicas E Pastorais Do Sofrimento Em Paulo	42
5.1 Síntese Da Teologia Paulina Do Sofrimento	42
5.2 Implicações Pastorais Para A Igreja Contemporânea	43
Considerações Finais	46
Referência Bibliográfica	48
Glosário	50

## INTRODUÇÃO

O sofrimento ocupa um lugar central na vida cristã e, de modo especial, na teologia desenvolvida pelo apóstolo Paulo. Suas cartas revelam uma compreensão profunda dessa realidade, não apenas como consequência inevitável da queda, mas como instrumento pedagógico por meio do qual Deus aperfeiçoa, fortalece e direciona o seu povo. Em diversos momentos de seu ministério, Paulo enfrentou perseguições, prisões, privações, enfermidades e oposição contínua, experiências que moldaram sua fé e sua reflexão teológica, tornando-o uma das principais vozes bíblicas na interpretação do sofrimento humano e ministerial.

A relevância do tema é evidente no contexto pastoral contemporâneo. A igreja, em suas múltiplas expressões, lida diariamente com membros que enfrentam dor emocional, enfermidades, crises familiares, perseguições e provações diversas. A reflexão paulina sobre o sofrimento oferece fundamentos teológicos sólidos que orientam líderes e comunidades na prática do cuidado pastoral, fornecendo consolo, direção e esperança. Assim, investigar a teologia paulina do sofrimento não é apenas um exercício acadêmico, mas uma resposta às demandas práticas da vida cristã.

O presente trabalho parte da seguinte questão norteadora: Como a teologia do sofrimento em Paulo é apresentada em suas epístolas e quais contribuições ela oferece para a prática pastoral contemporânea? Para responder a essa pergunta, torna-se necessário examinar as principais categorias teológicas presentes nas cartas de Romanos, 2 Coríntios, Filipenses e 2 Timóteo, observando tanto os elementos doutrinários quanto a experiência pessoal do apóstolo. Entre os subproblemas que orientam esta pesquisa estão: a identificação dos elementos centrais da teologia paulina do sofrimento, a maneira como Paulo interpreta suas próprias aflições, a relação entre sofrimento, fé e esperança, e as implicações pastorais desse entendimento para a igreja atual.

As hipóteses que norteiam o estudo partem da compreensão de que, em Romanos e 2 Coríntios, o sofrimento aparece como realidade inevitável da vida cristã e do ministério fiel ao evangelho; em Filipenses, como instrumento pedagógico e até privilégio; e em 2 Timóteo, como parte inseparável do discipulado e do ministério pastoral. Em todas essas cartas, Paulo apresenta o sofrimento como meio de identificação com Cristo, fortalecimento da fé e avanço do evangelho.

A justificativa desta pesquisa reside na necessidade de uma abordagem bíblica e pastoralmente responsável sobre o sofrimento. Em um contexto em que muitas comunidades cristãs enfrentam desafios relacionados à dor, à perseguição e às provações, o estudo da teologia paulina oferece orientação segura, equilibrada e fundamentada, contribuindo para uma prática pastoral que acolhe, consola e instrui à luz das Escrituras.

A metodologia adotada é predominantemente bibliográfica, com abordagem qualitativa e foco no método exegético. Serão analisados textos selecionados das epístolas paulinas, especialmente Romanos, 2 Coríntios, Filipenses e 2 Timóteo, interpretados à luz de autores reconhecidos no campo dos estudos bíblicos e teológicos. Não há participação de sujeitos humanos na pesquisa.

Quanto à organização, o trabalho inicia-se com uma abordagem introdutória da teologia paulina do sofrimento, seguida pela análise do sofrimento como experiência existencial e teológica nas epístolas selecionadas. Em seguida, examina-se o sofrimento como instrumento para o avanço do evangelho e como meio de identificação com Cristo. Por fim, o estudo apresenta as conclusões, destacando as principais contribuições teológicas e pastorais da pesquisa.

Esta introdução pretende situar o leitor diante do tema, justificar sua relevância e apresentar os elementos que guiam a análise que se desenvolverá ao longo do trabalho.

## 1 PANORAMA DO SOFRIMENTO EM PAULO

O sofrimento ocupa um papel central na vida e no ministério do apóstolo Paulo. Em suas cartas, o apóstolo apresenta a dor e as adversidades não como obstáculos à fé, mas como instrumentos de aperfeiçoamento espiritual e meios pelos quais a glória de Cristo é manifesta.

A experiência pessoal de Paulo, marcada por perseguições, prisões, naufrágios, privações e oposição constante, confere um caráter existencial à sua teologia do sofrimento. Para compreender adequadamente essa dimensão paulina, é necessário observar tanto o vocabulário empregado quanto as circunstâncias históricas que moldaram sua reflexão.

### 1.1 O VOCABULÁRIO E A COMPREENSÃO TEOLÓGICA DO SOFRIMENTO

A terminologia usada por Paulo para tratar do sofrimento revela a profundidade teológica de sua compreensão. Entre os principais termos estão *θλίψις* (*thlipsis*), que, conforme o léxico de Gingrich e Danker (1984, p. 91), é frequentemente traduzido como “tribulação” ou “aflição”, denotando situações de pressão, angústia ou sofrimento decorrentes de circunstâncias adversas e, especialmente, da fidelidade ao evangelho, e *πάσχω* (*pascho*), verbo que significa “sofrer”, indicando a experiência concreta de dor, padecimento ou aflição vivida pelo sujeito, seja em sentido físico, emocional ou espiritual (GINGRICH; DANKER, 1984, p. 161). Em Romanos 5:3–4 (NVI), Paulo declara: “E não somente isso, mas também nos gloriamos nas tribulações (*θλίψις*), sabendo que a tribulação produz perseverança, e a perseverança, caráter aprovado, e o caráter aprovado, esperança” (NVI). O apóstolo transforma o sofrimento em escola de maturidade espiritual, um processo pedagógico conduzido por Deus.

Em Filipenses 1:29, o sofrimento é elevado à categoria de privilégio: “Pois a vocês foi concedido o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer (*πάσχω*) por ele” (NVI). Esta compreensão está ancorada em uma teodiceia cristã sólida. Ferreira (2002, p. 86) observa que “se Deus é bom, por que existe o mal? Esse problema não é simplesmente uma questão intelectual, porque todo mundo passará pela experiência da dor e do sofrimento, inclusive os crentes”. A existência do mal e do sofrimento não invalida a bondade divina, mas revela o propósito redentivo de Deus no meio da dor.

## 1.2 O SOFRIMENTO APOSTÓLICO: PERSEGUIÇÕES, PERIGOS E OPOSIÇÃO INTERNA

A trajetória de Paulo foi marcada por intensa oposição e sofrimento multifacetado. Em 2 Coríntios 11:23–25 (NVI), ele oferece um testemunho pessoal de suas aflições:

Muito mais em trabalhos, muito mais em prisões, em açoites sem medida, em perigos de morte muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoites menos um; três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio; uma noite e um dia passei no abismo (2Co 11:23–25, NVI).

As perseguições descritas em Atos confirmam essa realidade: em Listra foi apedrejado e dado como morto (Atos 14:19, NVI), em Filipos foi preso injustamente (Atos 16:22–24, NVI), e em Jerusalém enfrentou acusações e agressões (Atos 21:27–31, NVI).

Além das perseguições externas, Paulo enfrentou inúmeras adversidades ligadas à sua missão evangelizadora. Ele resume sua trajetória:

Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre os meus compatriotas, em perigos entre os gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos (2Co 11:26, NVI).

Em Atos 27, Paulo sobrevive a um terrível naufrágio, mantendo confiança absoluta na providência de Deus: “Agora vos exorto a terdes bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá entre vós, mas somente o navio” (Atos 27:22, ACF). Mesmo diante da destruição iminente, o apóstolo permanece sereno, ciente de que o sofrimento e o perigo estão sob o controle soberano do Senhor.

O Comentário Bíblico Vida Nova observa que, embora o discurso de Paulo pudesse parecer inicialmente um “Eu não disse?”, sua intenção era outra: fortalecer a confiança da tripulação na revelação divina recebida por meio do anjo. Carson destaca que Paulo não interpretou a tempestade como julgamento divino, mas como simples consequência de uma decisão humana imprudente — a escolha de navegar para Fenice. Assim, o texto evidencia a ausência de superstição paulina: o apóstolo não atribui todo acidente a castigo, mas distingue entre providência e circunstância. Ademais, Carson ressalta que, se Lucas tivesse inventado o episódio para engrandecer Paulo, certamente o teria retratado como alguém que, “como o Mestre”, acalmava tempestades; contudo, a narrativa permanece sóbria, realista e teologicamente centrada na confiança em Deus (2007, p. 11)

Paulo também enfrentou zombarias, especialmente em Atenas ao pregar sobre a ressurreição: “Quando ouviram falar da ressurreição dos mortos, alguns zombaram” (Atos 17:32, NVI). E suportou dor emocional causada por falsos mestres que perturbavam as

comunidades, Paulo denuncia "falsos apóstolos, obreiros enganosos, fingindo-se apóstolos de Cristo" (2 Coríntios 11:13, NVI) e deserções dolorosas: "Demas, tendo amado o presente século, me abandonou" (2 Timóteo 4:10, NVI).

Essas experiências múltiplas (físicas, sociais e emocionais) revelam a complexidade do sofrimento apostólico. Ferreira (2002, p. 86) ressalta que "o problema do mal e do sofrimento não é apenas filosófico, mas também pastoral, pois é impossível separar a dor da fé, já que o sofrimento é o contexto em que Deus prova, corrige e fortalece o seu povo". Assim como Paulo, todo crente é convidado a interpretar suas tribulações à luz da soberania divina. O fato de comunidades sofrerem por causa de desvios não invalida a bondade divina nem anula as responsabilidades humanas nos atos de traição e oposição.

Mesmo diante dessas adversidades, Paulo via o sofrimento como meio de propagação do evangelho e fortalecimento da igreja. Ele escreve aos Filipenses: "As coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho" (Filipenses 1:12, ACF). A dor não era sinal de derrota, mas de cooperação com o propósito divino.

### **1.3 O SOFRIMENTO EXTREMO: APEDREJAMENTO, MORTE IMINENTE E AUTENTICIDADE APOSTÓLICA**

O apedrejamento em Listra é uma das experiências mais radicais de Paulo: "Apedrejaram Paulo e o arrastaram para fora da cidade, pensando que estivesse morto. Mas quando os discípulos se ajuntaram em volta dele, ele se levantou e voltou à cidade." (Atos 14:19–20, NVI).

Mais tarde, ao escrever aos coríntios, ele descreve o risco de morte como parte contínua de seu ministério: "Dia após dia enfrento a morte; isto é tão certo quanto o meu orgulho em vocês em Cristo Jesus, nosso Senhor" (1 Coríntios 15:31, NVI). Esses episódios revelam que Paulo não romantizava o sofrimento, mas o reconhecia como expressão máxima de sua fidelidade ao evangelho. Sua sobrevivência e perseverança testemunham a graça de Deus sustentando-o em meio às piores provações.

Mesmo diante de adversidades constantes, Paulo jamais desanimou ou perdeu a esperança. Em nenhum momento reivindicou sua posição de apóstolo como isenção da dor, tampouco considerou o sofrimento uma injustiça. Pelo contrário, via nele uma oportunidade de glorificar a Deus e fortalecer sua fé. Essa postura é sintetizada nas palavras de Kempis (2001, p. 46), em *Imitação de Cristo*: "Não existe no mundo ninguém, mesmo que seja rei ou papa,

sem alguma tribulação ou perplexidade. Quem é que tem a melhor sorte? Com certeza é aquele que pode sofrer algumas coisas por seu Deus."

Ferreira (2002, p. 86) ressalta que o problema do mal e do sofrimento não é apenas filosófico. Conforme observa o autor, é oportuno distinguir entre o mal moral — como a violência praticada por pessoas (os apedrejamentos) — e o mal natural, que inclui privações e perigos naturais sofridos em viagens e naufrágios. Ambas as categorias compõem a realidade do mal no mundo decaído; ainda assim, na leitura paulina, essas experiências são interpretadas à luz da providência de Deus, cuja finalidade redentora não é anulada, mas revelada através do sofrimento. A autenticidade apostólica de Paulo não se media por êxitos externos, mas pela participação nos sofrimentos de Cristo.

Essa percepção também encontra respaldo em Carson (2007, p. 11), que critica leituras sentimentalizadas do amor de Deus. Para o autor, “o amor de Deus, em nossa cultura, tem sido expurgado de tudo o que esta considere desconfortável. O amor de Deus tem sido equilibrado, democratizado e, acima de tudo, sentimentalizado”. Tal crítica reforça que, na teologia bíblica, o sofrimento não se opõe ao amor divino; antes, revela aspectos profundos da ação soberana de Deus na formação e sustentação de seu povo.

#### **1.4 TEODICEIA E PROPÓSITO REDENTOR: O SOFRIMENTO COMO AUTENTICIDADE**

A investigação do sofrimento em Paulo exige diálogo entre exegese e teologia sistemática. Nesse contexto, a noção de teodiceia oferece o enquadramento teológico necessário para interpretar as aflições do apóstolo sem atribuir a Deus a execução do pecado.

Plantinga (1991, p. 38) define a teodiceia como “uma tentativa de explicar por que Deus permite o mal no mundo, muitas vezes sugerindo que o mal é necessário para bens maiores ou que desempenha um papel no plano maior de Deus”. Essa definição ajuda a compreender como a fé paulina articula a soberania e a bondade divinas diante do sofrimento.

A partir dessa perspectiva, a vida de Paulo pode ser lida como prova prática de que o sofrimento, embora fruto da Queda e das escolhas humanas, não elimina o propósito redentivo de Deus. A experiência paulina confirma que a adversidade pode autenticar o ministério apostólico, formar caráter e ser reinterpretada como participação na cruz e na esperança da ressurreição. O sofrimento não é acidental na vida cristã, mas elemento constitutivo da vocação apostólica que revela tanto a fidelidade divina quanto a identificação com Cristo crucificado.

## **2 O SOFRIMENTO COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL E TEOLÓGICA EM PAULO**

O sofrimento ocupa lugar central na experiência e teologia de Paulo. Nos textos de 2 Coríntios 12:1–10 (NVI) e 2 Timóteo 4:6–18 (NVI), o apóstolo oferece reflexões profundas sobre como Deus utiliza a dor e fraqueza para revelar sua graça e aperfeiçoar seus santos. Em 2 Coríntios 12 (NVI), Paulo relata sua elevação ao terceiro céu e o subsequente "espinho na carne", sofrimento que o mantém dependente da graça divina. Em 2 Timóteo 4 (NVI), escreve como prisioneiro iminente de morte, encontrando na fidelidade divina consolo que transcende o abandono humano.

A análise dessas passagens revela que Paulo compreende o sofrimento não como derrota, mas como expressão da pedagogia divina pela qual Deus molda o caráter de seus servos e manifesta sua glória em meio às fragilidades humanas.

### **2.1 REVELAÇÃO, FRAQUEZA E GRAÇA: 2 CORÍNTIOS 12:1-10**

Paulo relata sua elevação ao terceiro céu e audição de “palavras inefáveis”, comunhão singular com Deus que transcende qualquer categoria humana de linguagem. Ele mesmo reconhece que tais palavras eram “inefáveis” e “não é lícito ao homem referir”, expressão que, conforme observa Colin Kruse (1994, p. 216–217), era comum em religiões de mistério para descrever “coisas sagradas demais para serem divulgadas”. No entanto, essa confidencialidade era “muito inusitada nos círculos cristãos”, pois, diferentemente das religiões esotéricas, o “mistério” do evangelho foi revelado para ser proclamado a todos. Somente neste contexto Paulo fala de algo revelado a ele que não podia ser divulgado, “presumivelmente por ser sagrado demais e dirigido unicamente a ele”.

Além disso, o relato de Paulo difere dos relatos de êxtase comuns no mundo antigo, marcados por descrições vívidas e detalhadas. Como destaca Kruse (1994, p. 216–217), Paulo “só faz referência ao que ouviu”, evitando qualquer ornamentação visionária e mantendo a narrativa breve e reservada. Ao falar de si mesmo em terceira pessoa e mencionar o episódio apenas catorze anos depois, o apóstolo demonstra profunda humildade: sua experiência extraordinária não servia como autopromoção, mas como testemunho da soberania divina.

Imediatamente após descrever essa exaltação, Paulo introduz o paradoxo central do texto: “Para que não me ensoberbecesse pela grandeza das revelações, foi-me dado um espinho na carne, mensageiro de Satanás para me esbofetear”. A natureza desse “espinho” tem sido

amplamente discutida entre os intérpretes. Kruse (2011, p. 219) observa que as propostas se dividem em três categorias principais: “(a) alguma forma de perturbação espiritual [...]; (b) perseguições [...]; (c) alguma enfermidade física ou mental”. O autor ressalta, contudo, que “não temos dados suficientes para uma decisão neste assunto”, embora muitos estudiosos modernos se inclinem para a possibilidade de algum tipo de enfermidade física, possivelmente relacionada aos olhos, à luz de Gálatas 4:15 (NVI). Assim, o silêncio de Paulo quanto à natureza precisa do espinho parece deliberado, permitindo que ele funcione como representação simbólica de toda forma de sofrimento que, sob a soberania divina, serve como instrumento de purificação e amadurecimento espiritual.

Diante dessa aflição, Paulo rogou três vezes ao Senhor por libertação. A resposta divina foi: "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12:9, ARC). Este é o ponto teológico central: o poder de Deus não manifesta-se apesar da fraqueza, mais precisamente através dela. A fragilidade humana submetida à graça divina torna-se o cenário onde o poder do Espírito atua com máxima eficácia. (FERREIRA, 2002, p. 86).

Paulo responde com aceitação radical: "De boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo" (2 Coríntios 12:9, ACF). Não romantiza o sofrimento; reconhece que a verdadeira elevação espiritual reside na aceitação do sofrimento como meio de comunhão com Cristo. Sua conclusão é paradigmática: "Pois, quando sou fraco, então é que sou forte." (2 Coríntios 12:10, NVI).

A palavra “habite” (ἐπισκηνώση) empregada por Paulo significa literalmente “colocar uma tenda sobre, cobrir, envolver com a presença”, sentido atestado por *episkēnoō* no grego do Novo Testamento. Segundo o *BDAG*, o verbo indica “estabelecer residência, cobrir com presença protetora” (DANKER, 2000, p. 382). Thayer (1889, p. 242) acrescenta que o termo pode carregar o sentido figurado de “envolver com poder ou influência divina”. A imagem remete ao conceito veterotestamentário da *shekiná*, a glória que “armava sua tenda” entre o povo. Assim, as fraquezas de Paulo tornam-se o novo espaço onde Cristo manifesta sua presença gloriosa.

O sofrimento, portanto, não apenas expõe a limitação humana, mas revela o lugar onde Cristo “arma sua tenda”, transformando fragilidade em ambiente de comunhão e ação divina. A cruz redefine completamente a experiência do sofrimento: converte vergonha em glória, derrota em vitória espiritual, fraqueza em poder. Como resume Stott (2001, p. 277), é

precisamente na fraqueza que “o poder de Cristo se aperfeiçoa”, de modo que o cristão pode até gloriar-se nas suas limitações porque nelas “descansa sobre ele o poder de Cristo”.

## 2.2 ABANDONO HUMANO, CONSOLO DIVINO: 2 TIMÓTEO 4:6-18

Paulo escreve da prisão romana, consciente de que sua morte se aproxima: “Estou sendo derramado como oferta de libação, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo 4:6-7, NVI). A metáfora do “sacrifício de libação” (*spéndō*) exprime entrega total: como observa Kelly (1985, p. 190), Paulo retoma o vocabulário cultural associado ao costume judaico de derramar vinho ao pé do altar como prelúdio do sacrifício diário (Êxodo 29:40; Números 28:7). Ele enxerga sua morte iminente como oferenda a Deus, interpretando sua vida como sacrifício final em serviço do evangelho. A imagem prossegue com a expressão “tempo da minha partida”, termo que, segundo Kelly (1985, p. 191), evoca tanto o levantar âncora quanto o desarmar de um acampamento, funcionando como eufemismo para morte e indicando a transição do apóstolo para sua verdadeira pátria. Assim, o sofrimento de Paulo assume caráter escatológico e vocacional: não é derrota, mas consumação gloriosa da missão para a qual foi chamado.

Contudo, em meio à esperança futura, Paulo enfrenta a solidão presente: “Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou (...). Somente Lucas está comigo.” (2 Timóteo 4:10-11, ARA). A deserção é particularmente dolorosa, Demas, outrora colaborador fiel, abandona Paulo “amando o presente século”, revelando uma mudança profunda de prioridades e lealdades. Como observa Kelly (1985, p. 194), sua motivação não parece ter sido apostasia formal, mas o desejo por uma vida mais confortável e a recusa de compartilhar as privações do apóstolo, em claro contraste com aqueles que aguardam a “manifestação” gloriosa de Cristo (v. 8, NVI). Ao relatar que “ninguém me assistiu em minha primeira defesa; antes, todos me abandonaram” (2 Timóteo 4:16, ARC), o apóstolo expõe com honestidade a vulnerabilidade do abandono humano, mostrando que até os servos mais fiéis de Deus experimentam essa realidade amarga.

Paradoxalmente, é justamente nesse cenário de abandono que a fidelidade divina se manifesta com maior intensidade: “O Senhor permaneceu ao meu lado e me fortaleceu, para que por meu intermédio a mensagem fosse plenamente proclamada” (2 Timóteo 4:17, NVI). Quando todos os homens falharam, Cristo permaneceu. A expressão “permaneceu ao meu lado” (*παρέστη*), derivada do verbo *paristēmi*, descreve não apenas presença passiva, mas assistência ativa, o ato de posicionar-se ao lado de alguém para ajudá-lo, defendê-lo e sustentá-lo.

Conforme Thayer (1996, p. 487), o termo (παρέστη), significa “estar ao lado, pronto para ajudar; assistir, apoiar, defender”. Assim, Paulo não vê Cristo como mero observador, mas como o defensor fiel que o ampara nos momentos mais difíceis.

A continuidade do relato confirma essa leitura: Paulo atribui sua preservação exclusivamente à intervenção divina, “fui liberto da boca do leão” (v. 17, NVI). João Calvino (2009, p. 288) observa que essa expressão não deve ser entendida de modo restrito, como se Paulo estivesse se referindo especificamente a Nero, pois “sou mais inclinado a pensar que o apóstolo usa a expressão para qualquer perigo em geral, como se quisesse dizer ‘como de um fogo ardente’, ou ‘das garras da morte’. Ele quis dizer que só escapara pela miraculosa intervenção de Deus, visto que o perigo era tão terrível que, se Deus não agisse, há muito que teria irremediavelmente sucumbido”.

Assim, o fortalecimento recebido não foi mero conforto emocional, mas capacitação concreta para a missão contínua. Mesmo encarcerado e aguardando julgamento, o apóstolo permaneceu comprometido com a proclamação do evangelho. A frase “para que a mensagem fosse plenamente proclamada” (v. 17, NVI) deixa claro que o propósito da ação divina não era apenas preservar Paulo, mas garantir que o testemunho alcançasse os gentios. Dessa forma, a fidelidade de Cristo sustenta tanto o homem quanto sua missão.

Paulo conclui com declaração majestosa: "O Senhor me livrará de toda obra maligna e me levará a salvo para o seu Reino celestial" (2 Timóteo 4:18, NVI). Esta afirmação não expressa otimismo ingênuo quanto à libertação física iminente, Paulo sabe que a morte se aproxima. Sua esperança transcende as circunstâncias terrenas. O "livramento" refere-se não à preservação do corpo físico, mas à salvação escatológica. Como observa Kelly (1985, p. 194), Paulo está pensando na “proteção espiritual mais do que a física”, afirmando sua confiança de que nenhum ataque de seus inimigos poderia “subverter sua fé ou sua coragem”. A doxologia final — “A Ele seja a glória para todo o sempre! Amém” (v. 18, NVI) — encerra com adoração, não lamento, evidenciando que sua esperança repousa na soberania divina e na certeza da consumação escatológica.

### 2.3 O PARADOXO DO PODER: SÍNTESE TEOLÓGICA

A estrutura comum em ambas as perícopes revela um padrão teológico profundo: em 2 Coríntios 12 (NVI), Paulo alterna entre revelação mística e sofrimento físico, descobrindo que o poder divino opera através da fraqueza. Em 2 Timóteo 4 (NVI), alterna entre abandono humano e presença divina, descobrindo que a fidelidade de Deus compensa e transcende a infidelidade humana. Em ambas, o sofrimento é reinterpretado não como anomalia da vocação cristã, mas como sua própria essência. Esta compreensão subverte radicalmente os paradigmas humanos de força e sucesso. O mundo associa poder a força, eficácia a ausência de dificuldades, bênção divina a prosperidade material. Paulo inverte essa lógica: a fraqueza torna-se lugar privilegiado da manifestação do poder divino; a cruz revela-se sabedoria de Deus; o sofrimento apostólico autêntico a mensagem do evangelho.

Schreiner sintetiza brilhantemente:

O sofrimento apostólico de Paulo não o desqualifica; pelo contrário, é precisamente através dele que o evangelho é legitimado e propagado. A metáfora da 'procissão triunfal' é particularmente significativa: Paulo é simultaneamente prisioneiro e triunfador, pois seu aparente fracasso é instrumento da vitória de Cristo. À medida que Deus conduzia Paulo à morte, o bom aroma do evangelho espalha-se pelo mundo (2010, p. 87)

O sofrimento, portanto, não é castigo arbitrário, mas instrumento pedagógico nas mãos de um Pai amoroso que busca conformar seus filhos à imagem de Cristo. O “poder aperfeiçoado na fraqueza” (2 Coríntios 12:9, NVI) e a “fidelidade mantida no abandono” (2 Timóteo 4:17, NVI) revelam a operação divina: Deus não elimina o sofrimento, mas o transforma em oportunidade de manifestação de sua graça. Nesta dinâmica, o sofrimento não é mero acaso, mas instrumento pedagógico que Deus utiliza para moldar o caráter do cristão à imagem do seu Filho. Como afirma John MacArthur (2020, p. 113), a vida do crente é como “um soneto divinamente escrito”, uma obra de arte em construção, cuidadosamente modelada pelo Mestre. Desde a eternidade, Deus estabeleceu que seus filhos seriam conformados à imagem de Cristo (Romanos 8:29, NVI), e o sofrimento torna-se uma das ferramentas pelas quais essa conformação se realiza. Jesus mesmo ensinou que o Pai, como agricultor sábio, “poda todo ramo que dá fruto, para que produza mais fruto ainda” (João 15:2, NVI), imagem que pressupõe dor, corte e aparo, mas sempre com propósito de crescimento e frutificação abundante.

Assim também, em meio às provações, o cristão é esculpido, aparado e formado, não segundo padrões humanos, mas segundo o padrão perfeito do Filho encarnado. O sofrimento,

portanto, não é sinal de abandono, mas de cuidado do Pai que trabalha ativamente para moldar Seus filhos à semelhança de Cristo.

A suficiência da graça divina (tema central de ambas as passagens) não é consolação vazia, mas poder capacitador que sustenta o cristão através de toda provação. Quando Deus afirma: “A minha graça te basta” (2 Coríntios 12:9, ARC), Ele não promete ausência de dor, mas presença transformadora. Cristo habita na fraqueza do seu povo, e é justamente no terreno da limitação humana que a graça produz maturidade espiritual. MacArthur (2020, p. 114) destaca que somos “obras de arte incompletas”, ainda em processo de modelagem, e que este processo perdura até que, finalmente, sejamos plenamente conformados à imagem do Filho. Assim, a graça sustentadora e o sofrimento pedagógico caminham juntos: a graça capacita, o sofrimento molda, e ambos cooperam para formar em nós o caráter de Cristo.

Esta teologia tem implicações profundas: liberta o cristão da tirania do sucesso mundano como critério de eficácia ministerial. Paulo não mede seu ministério por métricas seculares (liberdade pessoal, conforto material, ausência de oposição). Mede-o pelo avanço do evangelho, mesmo quando este avanço ocorre através de meios paradoxais. A prisão não é fracasso; é plataforma. A fraqueza não é obstáculo; é oportunidade. O sofrimento não é derrota; é vitória disfarçada na lógica divina.

### **3 O SOFRIMENTO COMO INSTRUMENTO POSITIVO PARA O EVANGELHO**

Após examinar o vocabulário paulino do sofrimento e sua experiência existencial de dor, torna-se necessário investigar como o apóstolo ressignificou teologicamente suas aflições. Paulo não apenas suportou o sofrimento, nem o interpretou como obstáculo ao ministério apostólico. Desenvolveu uma perspectiva transformadora: o sofrimento, quando submetido à soberania divina, torna-se instrumento catalisador para o avanço do evangelho e formação do caráter cristão.

A carta aos Filipenses oferece testemunho paradigmático dessa reinterpretação teológica. Escrita durante encarceramento romano, transborda de alegria e confiança, revelando como Paulo transformou sua prisão em plataforma missionária. Em Filipenses 1:12-14 (ACF), declara: "E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho". Nestas palavras, Paulo articula teologia que transcende otimismo humano, fundamentando-se na convicção de que Deus opera soberanamente através de todas as circunstâncias para cumprir seus propósitos redentores.

Este capítulo examinará como Paulo transforma restrição em oportunidade, alcançando contextos antes inacessíveis como a guarda pretoriana e simultaneamente encorajando a comunidade cristã a proclamar o evangelho com renovada ousadia.

#### **3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO DE FILIPENSES: PAULO EM PRISÃO**

A carta aos Filipenses emerge de contexto paradoxal: escrita em meio ao encarceramento, transborda de alegria. Filipos era colônia romana estabelecida após a batalha de Filipos em 42 a.C., localizada estrategicamente na Macedônia. Seus habitantes, constituídos por veteranos romanos e imigrantes itálicos, possuíam forte consciência romana e suas moedas eram cunhadas com inscrições latinas.

Recebendo a visão do macedônio, Paulo dirigiu-se ao sábado para as margens de um rio onde encontrou Lídia, comerciante de púrpura, cuja conversão estabeleceu o núcleo inicial da comunidade filipense. Após alguns meses, Paulo foi preso ao libertar uma jovem escrava possesora de espírito de adivinhação. Um terremoto noturno abriu as portas da prisão, mas Paulo impediu o suicídio do carcereiro, resultando na conversão dele e de sua família.

A relação entre Paulo e os filipenses distingue-se por afeto singular e generosidade recíproca. Os filipenses socorriam Paulo com auxílios financeiros, demonstrando de

solidariedade que ele recebia como expressão de comunhão profunda. “pois, quando tive necessidade em Tessalônica, vocês me mandaram ajuda não apenas uma vez, mas duas.” (Filipenses 4:16, NVI). O zelo manifestava-se também no envio de pessoas para acompanhá-lo: Epafrodito permaneceu até adoecer gravemente, e Timóteo é mencionado com afeto paternal.

O tema da alegria permeia toda a epístola de Filipenses de modo singular. Entretanto, como destaca Martin (1985, p. 166–167), essa alegria não nasce de um ambiente comunitário isento de tensões, pois a igreja enfrentava conflitos internos, evidenciados na exortação dirigida a Evódia e Síntique. Mesmo diante de desavenças que ameaçavam a unidade da igreja, Paulo insiste que os cristãos se alegrem “no Senhor”, demonstrando que essa alegria não depende de circunstâncias favoráveis, mas encontra sua fonte no próprio Cristo. Assim, a alegria paulina é profundamente cristocêntrica: nasce da união com Cristo, sustenta-se em meio ao sofrimento e expressa a convicção de que seguir o Cristo que sofreu e foi exaltado implica, paradoxalmente, alegrar-se mesmo na tribulação. Por isso, em Filipenses, o chamado à alegria atinge seu auge, precisamente no contexto em que sofrimento pessoal e tensões eclesiais se entrelaçam com esperança e comunhão em Cristo.

### **3.2 O SOFRIMENTO COMO CATALISADOR MISSIONÁRIO**

A perícopes de Filipenses 1:12-14 (NVI) constitui uma das articulações mais claras da teologia paulina do sofrimento redentor. Nestes versículos, Paulo não apenas relata suas circunstâncias, mas opera reinterpretação teológica radical que transforma aparente derrota em vitória missionária. O texto declara:

E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho; De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares; E muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor (Filipenses 1:12-14, ACF).

A declaração de Paulo evidencia que seu sofrimento não apenas acompanhou a missão, mas atuou como um fator decisivo para sua expansão. As prisões, longe de silenciar o resiliente Paulo, tornaram-se meio de visibilidade do evangelho tanto entre autoridades quanto no seio da comunidade cristã. A referência à guarda pretoriana indica que o testemunho de Paulo ultrapassou os limites da igreja local, alcançando esferas estratégicas do poder imperial. Além disso, seu exemplo produziu efeito encorajador sobre outros irmãos daquela igreja, que, ao testemunharem sua fidelidade em meio à tamanha adversidade, passaram a anunciar a Palavra com maior ousadia e confiança e isso encorajava e alegrava o apóstolo. Assim, o sofrimento

paulino é apresentado como catalisador missionário, pois promovia simultaneamente a difusão do evangelho e o fortalecimento da igreja.

### **3.2.1 O imperativo da transparência apostólica**

Paulo inicia com a fórmula enfática “quero, irmãos, que saibais”, que não é mera convenção epistolar, mas indicador de informação crucial. O apóstolo decide conscientemente compartilhar suas circunstâncias, rompendo qualquer tendência de ocultar suas aflições. William Hendriksen (1992, p. 92) observa que introduções como esta — equivalentes às expressões paulinas “não quero que ignoreis” (Romanos 1:13; 1 Coríntios 10:1; 12:1; 1 Tessalonicenses 4:13) — têm a função de destacar que o que segue é de “grande interesse e importância”, chamando a atenção para a relevância pastoral da mensagem.

Além disso, o vocativo “irmãos” estabelece tom de intimidade e afeição fraterna. Como ressalta Hendriksen (1992, p. 93), trata-se de “um termo carinhoso”, indicando que Paulo reconhece os filipenses como “filhos do mesmo Pai celestial”, coparticipantes da comunhão do evangelho. Assim, Paulo não oferece meramente notícias, mas formação teológica (uma verdadeira hermenêutica do sofrimento) construída dentro de uma relação pastoral de afeto e solidariedade cristã.

### **3.2.2 O sofrimento real sob linguagem comedida**

A expressão “as coisas que me aconteceram” funciona como eufemismo para aflições reais vívidas pelo apóstolo prisão, incerteza jurídica, restrição ministerial e separação da comunidade. Para um apóstolo cuja vocação estava ligada ao movimento e à pregação itinerante, o cárcere constitui crise profunda. Contudo, Paulo enxerga essas circunstâncias por outra lente: o sofrimento não interrompeu seu ministério, mas o redirecionou. Como observa William Hendriksen (1992, p. 93), suas experiências “foram para o evangelho o que a valorosa obra dos engenheiros é para o avanço de um exército”, removendo obstáculos e abrindo caminho para a mensagem.

Hendriksen (1992, p. 94) acrescenta que, embora Satanás tentasse colocar “pedras de tropeço” para impedir a marcha do evangelho, Deus converteu tais obstáculos em “degraus para uma compreensão mais profunda da verdade redentora” e em nova coragem para os crentes. Assim, mesmo preso, Paulo não está paralisado: sua fidelidade sob sofrimento inspira confiança, desfaz hostilidades, e torna público o evangelho em ambientes antes inacessíveis. Em suas correntes, a Palavra de Deus avança livremente.

### 3.2.3 A inversão teológica central

A cláusula central “contribuíram para maior proveito do evangelho” opera inversão teológica fundamental. O verbo indica não mera coincidência, mas causalidade efetiva: as aflições causaram e promoveram avanço do evangelho. A expressão “maior proveito” (προκοπή) possui sentido técnico de avanço obtido mediante remoção de obstáculos, sendo usada para descrever progresso militar, como, por exemplo: abrir caminho, avançar conquistando território (BDAG, 2000, p. 870; LSJ, 1996, p. 1506). Paulo apropria-se dessa linguagem para descrever o avanço evangelístico como movimento irresistível e vitória progressiva, indicando que aquilo que parecia aprisioná-lo tornou-se precisamente o meio utilizado por Deus para expandir o alcance da mensagem.

Este é o grande paradoxo paulino: aquilo que aos olhos humanos constitui retrocesso, que seriam as prisões, restrições, aparente silenciamento, abandono na economia divina transforma-se em catalisador poderoso para expansão evangelística. Como observa Thomas Schreiner (2015, p. 207), Paulo responde aos adversários afirmando que “suas aflições não só foram planejadas por Deus, mas também são o meio pelo qual o aroma do conhecimento de Cristo espalha-se pelo mundo”. O sofrimento não é obstáculo a ser superado; é precisamente o meio pelo qual o evangelho avança.

Paulo não gostava de sofrer, mas interpretava o sofrimento pela lente do discipulado. Como explica Gordon Fee (2015, p. 100), para ele “sofrer era seguir nos caminhos de Cristo, que sofreu antes de entrar em sua glória e que, por meio do sofrimento, redimiu o povo de Deus”; por isso, Paulo estava disposto não apenas a sofrer por amor a Cristo e à igreja, mas também “a regozijar-se no sofrimento, uma vez que isso lhe confirmava a realidade de seu discipulado”. Aqui, sofrimento não é sinal de fracasso espiritual, mas marca autêntica da identificação com Cristo e participação em sua missão.

Esta reinterpretção fundamenta-se em compreensão profunda da soberania divina. Paulo reconhece a mão providencial de Deus orquestrando eventos (incluindo eventos dolorosos) para propósitos redentores. Não se trata de resignação fatalista, mas de confiança ativa na sabedoria divina que opera “todas as coisas para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28, NVI). Paulo vê suas prisões não como lapso no plano divino, mas como elemento integral deste plano. Esta convicção permite ao apóstolo transformar circunstâncias adversas em plataforma missionária, alcançando contextos antes inacessíveis.

### 3.2.4 Prisões em Cristo: a esfera interpretativa

O versículo 13 especifica o primeiro modo concreto: "De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana" (ARC). A expressão "prisões em Cristo" é teologicamente carregada. Paulo não diz simplesmente "estou preso", mas "estou preso em Cristo", o sofrimento foi abraçado dentro da união com Cristo, identificação com o Cristo crucificado. Esta fórmula transforma a prisão de humilhação secular em testemunho cristológico.

O resultado é que a prisão se tornou "manifesta", ou seja, publicamente conhecida, "por toda a guarda pretoriana". O ponto crucial é que a prisão proporcionou acesso evangelístico a um contexto antes inacessível: as forças militares e administrativas do império Romano. William Hendriksen (1992, p. 92) ilustra esse ponto ao afirmar que as experiências do apóstolo "foram para o evangelho o que a valorosa obra dos engenheiros é para o avanço de um exército". Assim, impedido de viajar como missionário itinerante, Paulo torna-se missionário cativo, evangelizando precisamente aqueles responsáveis por sua detenção. Os guardas que o vigiavam tornam-se audiência para a mensagem do evangelho. A frase "e por todos os demais lugares" amplia o alcance significativamente: não apenas a guarda pretoriana, mas diversos círculos sociais tornaram-se conscientes da prisão de Paulo e, sobretudo, da razão cristológica por trás dela.

### 3.2.5 O efeito multiplicador na comunidade

O versículo 14 apresenta o segundo efeito positivo: "E muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor" (ARC). Paradoxalmente, a prisão do apóstolo Paulo (evento que logicamente deveria desencorajar os crentes) na verdade os encorajou. Ao observarem Paulo manter fidelidade em meio às correntes, os irmãos encontraram motivação renovada para maior ousadia.

Esse fortalecimento comunitário também reflete a natureza particular da relação entre Paulo e os filipenses. Como observa Giuseppe Barbaglio (1991, p. 350), "ele entende a ajuda como uma questão de comunhão entre apóstolo e comunidade. O presente material dos filipenses só é aceito nesta perspectiva". A profunda vinculação espiritual entre eles explica, em parte, por que sua prisão produziu coragem e não retração.

O resultado é descrito com três expressões intensificadoras: "ousam" (coragem para enfrentar perigo), "mais confiadamente" (ousadia crescente) e "sem temor" (destemidos). De comunidade potencialmente intimidada, os cristãos tornaram-se proclamadores mais audazes.

Um apóstolo encarcerado resultou em muitos evangelistas mobilizados. Aquilo que parecia derrota se converteu em vitória multiplicada.

### **3.2.6 Síntese teológica da perícope**

A análise exegética de Filipenses 1:12-14 (NVI) revela estrutura teológica coerente que transforma sofrimento em instrumento missionário. Paulo estabelece três movimentos argumentativos: primeiro, transparência apostólica; segundo, reinterpretação providencial, vê em suas aflições não obstáculo ao plano divino, mas instrumento deste plano; terceiro, fruto evangelístico duplo, a prisão produziu efeitos missionários concretos: alcance da guarda pretoriana e mobilização da comunidade cristã. O sofrimento não apenas não impediu a missão; catalisou a missão de modos que a liberdade talvez não conseguisse.

## **3.3 A TRANSFORMAÇÃO DE PERSPECTIVA: DE OBSTÁCULO A OPORTUNIDADE**

A transformação que Paulo realiza em Filipenses 1:12-14 (ACF) não é mero otimismo psicológico, mas fundamenta-se em três pilares teológicos inter-relacionados: a soberania divina, a união com Cristo e a esperança escatológica.

### **3.3.1 A Soberania Divina como Fundamento da Reinterpretação**

A capacidade de Paulo de afirmar que suas prisões "contribuíram para maior proveito do evangelho" repousa sobre sua compreensão da soberania divina. Esta convicção aparece em Romanos 8:28: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (ACF). O verbo "sabemos" expressa conhecimento firme. Paulo não afirma que todas as coisas são boas em si mesmas, o sofrimento é real, o mal é genuíno. Como observa R.C. Sproul (2011, p. 369) "nem todas as coisas são boas. Paulo não é um ilusionista que diz que não há tal coisa como o mal, mas ele diz que todas as coisas estão trabalhando juntas para o bem, ou seja, o propósito último é um bom propósito"

O verbo "contribuem juntamente" (συνεργεῖ), que, conforme o léxico grego-português de Gingrich e Danker (1984, p. 199), significa cooperar, atuar em conjunto ou trabalhar de forma coordenada, denota a ideia de sinergia, indicando que Deus orchestra, coordena e ordena todas as coisas — inclusive eventos dolorosos — para produzir o bem na vida daqueles que o amam. Como enfatiza John Murray (2003, p. 348), tais circunstâncias "não têm qualquer virtude ou eficácia em si mesmas, a fim de cooperarem para essa finalidade"; antes, "no soberano amor e sabedoria de Deus, tudo é levado a convergir e contribuir para este alvo (...)

nem um único detalhe opera finalmente para o mal do povo de Deus; no fim, somente o bem será o quinhão deles”. Essa perspectiva difere radicalmente do fatalismo pagão: o estoico aceita o sofrimento porque o destino é inexorável; Paulo abraça o sofrimento porque confia que Deus é soberanamente sábio, bom e ativo em todas as circunstâncias.

Este princípio encontra seu paradigma na cruz de Cristo. A crucificação foi simultaneamente o ato mais maligno da história e o supremo ato de redenção. Pedro articula esta tensão ao afirmar: “A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos” (Atos 2.23, ARC). A dinâmica apresentada por Pedro reflete precisamente o paradoxo teológico observado por Marshall (2005, p. 75), para quem a morte de Cristo manifesta “o paradoxo da predestinação divina e da livre vontade humana na sua forma mais forte”, pois, embora os judeus e romanos tenham agido de maneira iníqua, “nada mais faziam do que cumprir aquilo que Deus já determinara e que, na realidade, já profetizara nos escritos proféticos”. Assim como Deus transformou o assassinato do Messias em vitória redentora, também converte as aparentes derrotas do ministério apostólico em avanços missionários. É porque Paulo crê que Deus reina supremamente que pode interpretar sua prisão não como interrupção do plano divino, mas como parte integral dele.

### **3.3.2 A União com Cristo como Esfera Interpretativa do Sofrimento**

A providência divina manifesta-se concretamente através da união do crente com Cristo. Quando Paulo declara que suas "prisões em Cristo foram manifestas" (Filipenses 1:13, ARC), indica a esfera interpretativa fundamental: o sofrimento cristão é vivido dentro da realidade da união com Cristo crucificado e ressurreto.

A fórmula “em Cristo” (ἐν Χριστῷ) aparece mais de 160 vezes nas epístolas paulinas, indicando não mera metáfora piedosa, mas realidade ontológica de união com Cristo, o cristão participa de sua morte, ressurreição e vida nova (cf. Galátas 2:20). Conforme observa F. F. Bruce (1977, p. 146), “a expressão característica de Paulo para ‘em Cristo’ e suas variações aparece bem mais de 160 vezes em seus escritos”. Essa união estabelece o padrão cruz-ressurreição: assim como Cristo entrou na glória por meio do sofrimento, o cristão experimenta vida por meio da morte, poder por meio da fraqueza (2 Coríntios 4:10, NVI).

J. Piper destaca o seguinte:

Deus quer que as aflições de Cristo sejam apresentadas ao mundo por meio das aflições do seu povo. Deus realmente quer que o corpo de Cristo, a igreja, experimente parte do sofrimento pelo qual ele passou, de modo que, quando proclamamos que a

cruz é o caminho para a vida, as pessoas vejam as marcas da cruz em nós e sintam de nossa parte o amor a cruz. (...) Já que somos seu corpo, nossos sofrimentos são seus sofrimentos. (...) Assim, os nossos sofrimentos dão testemunho do tipo de amor que Cristo tem pelo mundo. (PIPER, 2011, p. 227)

Esta participação nos sofrimentos de Cristo confere qualidade única ao sofrimento cristão. Embora a dor física seja idêntica, seu significado é radicalmente diferente. Paulo interpreta aflições não como mero infortúnio, mas como participação nos sofrimentos de Cristo (2 Coríntios 4:7-12, NVI).

A união com Cristo também fundamenta a esperança que transforma o sofrimento. Porque o cristão está unido a Cristo ressurreto, participa de sua glória futura (Romanos 8:17, NVI). Esta esperança não é escapismo, mas confiança que capacita para enfrentar o presente. Conforme Thomas Schreiner (2015, p. 207) "a atenção continua voltada para Deus e para Cristo e a glória não se destina ao proclamador, mas ao proclamado" A união com Cristo significa participação em sua trajetória completa: encarnação, ministério, sofrimento, morte, ressurreição e glorificação.

Em Filipenses especificamente, esta teologia fundamenta a alegria paradoxal do apóstolo. Paulo pode regozijar-se na prisão porque nela permanece "em Cristo", participando dos sofrimentos do Mestre. As correntes transformam-se em testemunho cristológico, a derrota aparente em vitória espiritual.

### **3.3.3 A Esperança Escatológica como Horizonte de Sentido**

O terceiro pilar é a esperança escatológica, a confiança fundamentada na ressurreição de Cristo. Para Paulo, o sofrimento presente é relativizado quando visto em perspectiva escatológica. Em Romanos 8:18, ele afirma: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (ARC). Aqui, o apóstolo realiza verdadeiro cálculo espiritual: pesa as aflições da era presente contra a glória futura e conclui que não existe proporção entre ambos. Como explica John Murray (2003, p. 337–338), o versículo é um apelo à “grande desproporção que existe entre os sofrimentos suportados nesta vida e a glória reservada para os filhos de Deus”, de modo que “os sofrimentos presentes são reduzidos à insignificância, quando confrontados com a glória a ser revelada em nós”.

Murray acrescenta ainda que a expressão “tempo presente” não significa meramente “por enquanto”, mas refere-se à “era atual”, em contraste com a “era vindoura”, marcada pela ressurreição e pela revelação plena da glória futura (2003, p. 338). Assim, a esperança cristã se enraíza nessa tensão escatológica do “já” e “ainda não”: já participamos da vida ressurreta de

Cristo e já recebemos as primícias do Espírito, mas ainda aguardamos a consumação. Paulo expressa vividamente essa expectativa ao declarar: “a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso” (Filipenses 3:20-21, ARC). A cidadania celestial fundamenta esperança futura concreta, a transformação real e corporal dos crentes.

Quando o horizonte temporal limita-se a esta vida, o sofrimento torna-se intolerável. Quando se estende à eternidade, o sofrimento, embora não menos doloroso, torna-se "leve e momentâneo" em comparação com "eterno peso de glória" (2 Coríntios 4:17, ARC).

### 3.3.4 O Paradoxo Paulino: Poder na Fraqueza

Os três pilares convergem no paradoxo central: o poder de Deus manifesta-se precisamente através da fraqueza humana. Paulo articula em 2 Coríntios 12:9-10:

A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte (ARC).

Este paradoxo inverte completamente os valores mundanos. O evangelho opera por lógica invertida: Deus escolhe o fraco para envergonhar o forte (1 Coríntios 1:27, NVI). A cruz (instrumento de humilhação) torna-se meio de salvação. Em Filipenses 1:12-14, a prisão de Paulo (aparente fraqueza) torna-se demonstração do poder de Deus. O apóstolo encarcerado paradoxalmente torna-se mais eficaz missionariamente: é através da prisão, não apesar dela, que o evangelho avança.

Essa lógica encontra paralelo direto na experiência pessoal do apóstolo com o “espinho na carne”. Como observa Colin Kruse (2011, p. 220), Paulo orou três vezes para que o espinho fosse removido, assim como Cristo no Getsêmani, mas a remoção foi negada. Entretanto, “a graça de Deus o capacitaria a cuidar do espinho”, pois “o poder se aperfeiçoa na fraqueza” — uma resposta dada de forma definitiva (eirêken, perfeito) e aplicada continuamente (arkei, presente) à vida do apóstolo. Essa resposta divina, afirma Kruse (2011, p. 220), tinha o propósito explícito de lembrar Paulo que o poder de Deus “revela-se nos fracos” e justificava sua recusa em adotar a ostentação vazia de seus oponentes.

Esta perspectiva tem implicações pastorais profundas. Liberta o cristão da tirania do sucesso mundano como critério de eficácia ministerial. Paulo não mede seu ministério por métricas seculares (Exemplos: liberdade, conforto, ausência de oposição) mas pelo avanço do evangelho. A prisão não é fracasso, mas plataforma; a fraqueza não é obstáculo, mas oportunidade.

Os três pilares convergem para criar hermenêutica transformadora que permite a Paulo ver em sua prisão instrumento do plano de Deus. Esta não é reinterpretação artificial, mas percepção teologicamente fundamentada. Filipenses 1:12-14 é testemunho de como a teologia transforma a experiência, capacitando o cristão não apenas a suportar o sofrimento, mas a transformá-lo em instrumento para o avanço do reino de Deus.

## **4 O SOFRIMENTO E A IDENTIFICAÇÃO COM CRISTO**

A teologia paulina do sofrimento não se esgota em sua dimensão missionária. Paulo compreende que o sofrimento opera transformação não apenas fora do cristão, mas também dentro dele, formando o caráter cristão e aprofundando a identificação com Cristo crucificado e ressurreto.

### **4.1 O SOFRIMENTO COMO PEDAGOGIA DIVINA**

O sofrimento que promove o evangelho externamente também forma Cristo internamente. A prisão de Paulo não apenas evangeliza a guarda pretoriana; também aperfeiçoa o próprio Paulo em sua conformidade a Cristo. Ambas as dimensões, missionária e formativa, coexistem na experiência paulina.

Três textos paulinos são particularmente reveladores dessa dimensão formativa. Em Romanos 5:3-5, a tribulação produz perseverança, experiência aprovada e esperança. Em Romanos 8:18-39, o apóstolo situa o sofrimento dentro do panorama escatológico cósmico. Finalmente, em Filipenses 3:10, Paulo expressa seu anseio supremo: "Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte" (ARC).

Estes textos convergem para demonstrar que o sofrimento forma Cristo internamente no crente. Quando abraçado dentro da união com Cristo, compreendido à luz da soberania divina e situado no horizonte da esperança escatológica, torna-se pedagogia divina que conforma progressivamente o cristão à imagem do Filho. O sofrimento não transforma automaticamente, mas quando vivido em comunhão com Cristo sofredor, torna-se escola de santidade onde o Espírito Santo opera transformação profunda.

### **4.2 A CADEIA DA ESPERANÇA: ROMANOS 5:3-5**

Romanos 5:3-5 apresenta a declaração paradoxal:

nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (ACF).

Este texto articula cadeia causal na qual o sofrimento se torna catalisador de virtudes cristãs progressivas.

A reação humana natural diante do sofrimento é fuga, não celebração. Contudo, Paulo compreende seu propósito transformador. Como afirma Sproul (2011, p. 191), “uma vez que

tenhamos sido justificados, temos perspectiva inteiramente nova em relação às tribulações. Não encaramos mais o sofrimento como exercício fútil”. A justificação altera fundamentalmente a interpretação do sofrimento: antes, confirmava alienação divina; após, adquire significado redentor.

J. Stott, em seu comentário aos Romanos, explica o que significa o “gloriar-se nas tribulações” a que Paulo se referiu:

Qual é a atitude que se espera dos cristãos em face dessas tribulações? (...) Primeiro, o sofrimento é o único caminho para a glória. Com Cristo foi assim; e assim será com os cristãos. (...) Em segundo lugar, se no final o sofrimento conduz à glória, entretantes ele leva à maturidade. O sofrimento pode ser produtivo, se a ele reagirmos com atitude positiva e não com indignação e amargura. (...) Sem sofrer, nós nunca aprenderíamos a ser perseverantes, pois sem sofrimento não haveria nada para suportar. (...) Em terceiro lugar, o sofrimento é o melhor contexto no qual podemos ter certeza do amor de Deus. (...) A esperança não nos decepciona. (STOTT, 2000, p. 163).

#### 4.2.1 A Cadeia Progressiva: Tribulação, Perseverança, Experiência, Esperança

Paulo explica: “*sabendo que a tribulação produz a paciência*” (Rm 5:3, ACF). A primeira virtude produzida é a “paciência” (ὕπομονήν), que, conforme o léxico grego-português de Gingrich e Danker (1984, p. 215), é compreendida como paciência ativa, perseverança, firmeza e constância, especialmente em contextos de adversidade, e não como mera resignação passiva. Assim, o termo expressa a capacidade de permanecer firme sob provação, sustentado pela esperança e pela fidelidade a Deus. Stott (2000, p. 164) observa que *hypomonē* descreve “perseverança ativa”, a capacidade de permanecer firme sob pressão, e não simples resignação. Esse entendimento concorda com a definição léxica do BDAG, para quem o termo expressa a “capacidade de manter-se firme diante da dificuldade, perseverança” (DANKER, 2000, p. 1039). Assim, a tribulação funciona como um ginásio espiritual que fortalece a resistência cristã; ninguém desenvolve essa virtude na ausência de provações.

A perseverança “produz a experiência” (δοκιμήν), isto é, o caráter aprovado que emerge do processo de prova. Conforme o léxico grego-português de Gingrich e Danker (1984, p. 59), o termo *δοκιμή* refere-se, em sentido literal, à qualidade de ser aprovado após o teste, indicando caráter comprovado, autenticidade e maturidade resultantes da provação. Assim, Paulo descreve um processo no qual o sofrimento não apenas testa a fé, mas produz uma transformação interior reconhecida como genuína diante de Deus. Conforme Sproul (2003, p. 198) “aqueles que emergem do outro lado são aqueles em cuja alma Deus construiu caráter. O cristão que persevera emerge como ouro refinado, aprovado como genuíno.”

Finalmente, “a experiência produz esperança” (ἐλπίδα). O termo ἐλπίς (aqui no acusativo ἐλπίδα) não designa mera expectativa incerta, mas “confiança firme, expectativa segura do bem futuro”, conforme definido por *BDAG* como “esperança baseada na confiança em Deus” (DANKER, 2000, p. 319). A experiência da fidelidade divina no passado fundamenta confiança na fidelidade divina no futuro. Cada tribulação superada torna-se evidência concreta de que Deus é fiel e suas promessas são confiáveis.

Essa cadeia não opera de modo automático, mas requer uma ressignificação do sofrimento à luz de Cristo. Paulo entende que, quando o cristão passa a enxergar suas lutas a partir da fidelidade e da obra de Cristo, essas experiências deixam de ser apenas dor e tornam-se meios pelos quais Deus forma caráter maduro e esperança firme. O sofrimento, reinterpretado pela presença de Cristo, transforma-se em instrumento de crescimento e não de destruição.

#### 4.2.2 A Garantia Final: O Amor de Deus Derramado pelo Espírito

Paulo conclui seu argumento afirmando: “a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Romanos 5:5, ARA). Aqui encontramos o fundamento supremo da certeza cristã em meio às tribulações: a esperança não falha porque está ancorada no amor eterno de Deus, tornado presente e eficaz pela ação interior do Espírito Santo.

John Murray destaca a força dessa afirmação ao dizer:

O ‘amor de Deus’ não é nosso amor para com Deus; pelo contrário, é o amor de Deus para conosco (...). É o amor de Deus pelos crentes, amor esse que não sofre qualquer variação ou reversão. (...) A expressão ‘é derramado’ indica a abundante difusão desse amor. Os corações dos crentes são vistos como que inundados pelo amor de Deus; esse amor controla e cativa seus corações. E o Espírito Santo (...) é a pessoa que derrama esse amor, sendo ele mesmo o selo de sua eficácia e genuinidade. (MURRAY, 2003, p. 198).

Murray (2003, p. 198) enfatiza que o termo “é derramado” (ἐκκέχυται) sugere uma difusão generosa, contínua e transbordante do amor divino, não uma mera impressão subjetiva. Esse derramamento é o que transforma o amor de Deus em certeza interior e não apenas em dado doutrinário externo.

Assim, a esperança cristã não decepciona porque se fundamenta nesse amor irrevogável, aplicado pelo Espírito Santo ao âmago do ser humano, o “coração”, entendido como o centro da vida, pensamento e vontade. A certeza da esperança provém, portanto, de uma obra trinitária: o Deus que ama, o Cristo que morreu e o Espírito que aplica esse amor ao crente.

A integração entre obra objetiva e testemunho subjetivo é essencial. O amor de Deus foi demonstrado historicamente na cruz (Romanos 5:8), mas é experienciado pelo derramamento interior operado pelo Espírito. Murray (2003, p. 198) resume essa relação de forma magistral: “O amor de Deus deve ser apreendido e apropriado por nós, se tiver de servir de alicerce da certeza. (...) Aquele que propicia a certeza proveniente desse amor é o Espírito Santo, que nos foi dado e, por essa razão, habita em nós e nos governa.”

Desse modo, quando o cristão sofre, o Espírito testemunha internamente que o amor de Deus permanece inalterado, assegurando que a tribulação não contradiz esse amor, mas opera dentro dele. É Ele quem impede a esperança de naufragar sob a dor, pois derrama continuamente o amor divino como uma âncora afetiva e espiritual.

Sproul (2003, p. 198) expressa essa verdade com clareza pastoral: “O amor de Deus é um amor que o Espírito Santo derrama amplamente; mesmo que o resto do mundo nos odeie, podemos ter certeza de que Ele nos ama.”

Assim, sofrimento e esperança não são incompatíveis na vida cristã; a garantia última de sua união é o amor divino derramado pelo Espírito. Esse amor, inabalável e eficaz, transforma o sofrimento em contexto de certeza, não de confusão, e sustenta o crente até que a esperança alcance seu alvo: a glória final.

### **4.3 GEMIDOS E GLÓRIA: ROMANOS 8:18-39**

Enquanto Romanos 5:3-5 (NVI) apresenta a cadeia pedagógica individual, Romanos 8:18-39 situa o sofrimento dentro do panorama cósmico e escatológico, revelando que os gemidos dos crentes participam de um coro universal que antecipa a redenção final.

#### **4.3.1 Sofrimento e Glória: A Proporção Escatológica**

Paulo declara: “Tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (Romanos 8:18, ACF). O verbo *λογίζομαι* expressa cálculo cuidadoso e deliberado: o apóstolo pesa as aflições da era presente contra a glória futura e conclui, mediante reflexão racional, que não existe proporção possível entre elas. Segundo o BDAG, o termo significa “calcular, considerar, avaliar mediante raciocínio, chegar a uma conclusão baseada em reflexão cuidadosa” (DANKER, 2000, p. 597). John Murray (2003, p. 336) observa que este versículo constitui um apelo à “grande desproporção que existe entre os sofrimentos suportados nesta vida e a glória reservada para os filhos de Deus”, uma desproporção tão imensa que torna “os sofrimentos presentes reduzidos à insignificância, quando confrontados com a glória a ser revelada em nós”.

Esta afirmação não minimiza a realidade da dor. Paulo conhece intimamente o sofrimento foram inúmeras perseguições, privações, prisões, açoites, apedrejamentos. Mas, ao comparar o presente e o futuro, ele estabelece uma relação matemática e escatológica: a glória futura é de tal magnitude que relativiza as aflições presentes. A mesma lógica aparece em 2 Coríntios 4:17 (NVI), onde ele descreve o sofrimento como “leve e momentâneo” em contraste com o “eterno peso de glória”. A leveza do sofrimento não está em sua natureza, mas em sua desproporção com a glória vindoura.

Murray (2003, p. 336) aprofunda esse contraste ao explicar que a expressão “tempo presente” não significa simplesmente “por enquanto”, mas é um termo técnico para “esta era”, em oposição à “era vindoura”, a era da ressurreição e da manifestação plena da glória de Cristo. Assim, Romanos 8:18 (NVI) não compara a vida terrena com a existência pós-morte imediata, mas a era atual com a era da glória futura inaugurada na ressurreição.

A glória futura, afirma o apóstolo, “há de ser revelada em nós”. Murray (2003, p. 336) ressalta que essa expressão pressupõe uma glória atualmente oculta, “algo já existente nesse ocultamento, algo que precisa apenas manifestar-se”. Esse futuro revelado não será contemplado apenas externamente, como espectadores, mas será conferido aos crentes: “deverá chegar até nós, sendo-nos conferida, de modo que nos tornaremos verdadeiros participantes da mesma; não será uma glória da qual seremos meros espectadores”.

Desse modo, a esperança cristã repousa nesta certeza escatológica: os sofrimentos da presente era pertencem a uma realidade transitória, enquanto a glória reservada para os filhos de Deus pertence à realidade definitiva da ressurreição. A perseverança nasce da convicção de que a glória já existe no propósito eterno de Deus e será manifestada plenamente aos crentes, neles e por meio deles. Essa certeza transforma a perspectiva do sofrimento e fundamenta a esperança inabalável que permeia toda a teologia paulina.

#### **4.3.2 Gemidos Triplos: Criação, Crentes e Espírito**

Paulo apresenta três gemidos que caracterizam a era presente, aguardando a consumação escatológica.

- I. O Gemido da Criação (vv. 19-22): A “criação” (κτίσις) refere-se ao cosmos não humano — a ordem material afetada pela queda. Segundo o BDAG, κτίσις designa tanto o “ato de criar” quanto o “mundo criado, a criação como um todo” (DANKER, 2000, p. 573). Paulo emprega a expressão “ardente expectativa” (ἀποκαρδοκία), termo que descreve expectativa intensa e direcionada, “atenção voltada para a frente, com foco concentrado”

(DANKER, 2000, p. 113). A criação foi “sujeita à vaidade” (ματαιότητι), palavra que indica “futilidade, frustração, inutilidade” (DANKER, 2000, p. 621), ecoando o vocabulário de Eclesiastes. Sproul (2011, p. 201) observa que isto ocorreu porque “Deus não tolera o mal; sujeitou toda a criação à dor por causa dos nossos pecados”. Essa sujeição ocorreu “na esperança” (ἐπ’ ἐλπίδι), expressão que enfatiza o caráter escatológico da promessa divina. Finalmente, Paulo descreve os “gemidos” e “dores de parto” (συστενάζει καὶ συνωδίνει), termos que, conforme BDAG, indicam “gemer em conjunto” e “sofrer dores de parto”, apontando não para agonia terminal, mas para o travail que precede o nascimento (DANKER, 2000, p. 979). Assim, a criação geme não em desespero, mas em expectativa da vida emergente que virá com a revelação da glória dos filhos de Deus.

- II. O Gemido dos Crentes (vv. 23–25): Os crentes participam do gemido cósmico: “não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos” (Rm 8:23, ACF). Eles possuem “as primícias do Espírito” (τὴν ἀπαρχὴν τοῦ πνεύματος). O termo ἀπαρχή significa “primeira porção, oferta inicial”, a parte inicial que garante a colheita vindoura — “primeiros frutos como penhor do todo” (DANKER, 2000, p. 98). John Murray destaca que esta expressão deve ser entendida como a dádiva do Espírito concedida agora como garantia da plenitude escatológica, pois “embora tenhamos as primícias do Espírito, ainda continuamos a gemer em nós mesmos”. Para ele, essa condição demonstra que, apesar da graça já recebida, “os gemidos dos filhos de Deus são introduzidos como algo surpreendente”, confirmando mais vigorosamente o lugar central da esperança na experiência cristã (2003, p. 341–342). Contudo, apesar dessa antecipação, ainda aguardamos “a redenção do nosso corpo” (τὴν ἀπολύτρωσιν τοῦ σώματος ἡμῶν). O termo ἀπολύτρωσις descreve “libertação, resgate, redenção plena” (DANKER, 2000, p. 117), aplicada aqui à transformação futura do corpo na ressurreição (cf. Filipenses 3:21). Murray (2003, p. 342) observa que “adoção” nesse contexto aponta para a glória futura e não contradiz a adoção presente, mas a conduz à sua plena realização: assim como “redenção” e “salvação” têm uma dimensão já e ainda não, também a filiação tem seu ápice reservado para o futuro. A salvação atual é real, mas não consumada: o corpo permanece sujeito à doença, decadência e morte. Esse intervalo entre a redenção recebida no Espírito e a redenção ainda aguardada na ressurreição constitui a fonte do gemido contínuo dos crentes. Temos o Espírito como primícias

(garantia objetiva da glória) mas ainda suspiramos pela plena libertação que Deus prometeu, numa tensão que não diminui a esperança, mas a intensifica.

- III. O Gemido do Espírito (vv. 26–27): De modo surpreendente, Paulo afirma que o próprio Espírito Santo participa dos gemidos da criação e dos crentes: “o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Romanos 8:26, ACF). O verbo *ὑπερεντυγχάνει* descreve uma ação de intercessão intensiva — “interceder em favor de alguém de modo especial” (DANKER, 2000, p. 1032). Os “gemidos inexprimíveis” (*στεναγμοῖς ἀλαλήτοις*) consistem em expressões não articuladas, incapazes de serem verbalizadas, mas dotadas de sentido profundo. O termo *στεναγμός* indica “gemido profundo, suspiro pesado” (THAYER, 1889, p. 589), enquanto *ἀλάλητος* designa aquilo que é “inefável, impossível de expressar em palavras” (THAYER, 1889, p. 19). Esses gemidos não são linguagem angelical ou emocional, mas comunicação intercessória produzida pelo próprio Espírito no íntimo dos crentes. John Murray enfatiza que o foco do texto não é a intensidade emocional, mas a assistência divina em nossa incapacidade real. Ele observa que “fraqueza” aqui não se limita ao sofrimento, mas abrange toda a incapacidade humana — especialmente nossa ignorância sobre o que devemos pedir. Não se trata, portanto, de desconhecimento sobre como orar, mas sobre o conteúdo adequado das petições. Nesse ponto, Murray é categórico: “é precisamente nessa incapacidade que o Espírito vem em nosso socorro, intercedendo por nós sobremaneira” (2003, p. 339). Além disso, Murray destaca que os crentes possuem dois intercessores divinos: (1) Cristo, que intercede por eles “no tribunal dos céus”; e (2) o Espírito, que intercede “no âmago dos seus corações” (2003, p. 340). O Espírito, portanto, não apenas ensina o crente a orar — Ele ora nele. Seus gemidos não são distintos dos gemidos dos crentes, mas são “o instrumento da intercessão do Espírito”, que sobe ao Pai como expressão perfeita, embora inarticulada, da vontade divina (MURRAY, 2003, p. 340). O versículo 27 confirma essa dinâmica: “Aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito” (ARA). A expressão “mente do Espírito” (*τὸ φρόνημα τοῦ πνεύματος*) refere-se não ao sentimento humano refinado pelo Espírito, mas à intenção do próprio Espírito Santo. Murray (2003, p. 340) esclarece que, ao sondar os corações dos crentes, Deus encontra “gemidos inexprimíveis” que, embora não articulados, são completamente inteligíveis para Ele, porque “estão de acordo com a vontade divina”.

Assim, a oração imperfeita do crente é traduzida pelo Espírito em intercessão perfeita diante do Pai. Desse modo, o gemido do Espírito assegura que nenhuma fraqueza humana (ignorância, confusão, dor ou incapacidade de articular pedidos) impede a obra de Deus. Em vez disso, torna-se a ocasião para que o Espírito ore de modo soberano, sábio e infalível “segundo Deus” (Romanos 18:27, ARA). A confiança cristã repousa neste fato: ainda quando não sabemos o que pedir, o Espírito pede sempre o que devemos desejar.

A tríplice estrutura dos gemidos revela uma solidariedade profunda: a criação geme (συστενάζει, “gemitos juntamente”; DANKER, 2000, p. 979), os crentes gemem (στενάζομεν, “emitir gemido profundo”; THAYER, 1889, p. 589), e o próprio Espírito geme por meio de “gemidos inexprimíveis” (στεναγμοῖς ἀλαλήτοις, “gemidos não articuláveis”; THAYER, 1889, pp. 19, 589). Assim, criação, igreja e Espírito participam do mesmo anseio escatológico. O sofrimento não isola; ao contrário, une toda a ordem criada e o povo de Deus sob a ação intercessora do Espírito, que transforma o gemido em intercessão perfeita. Todos gemem junto (criação, crentes e Espírito) aguardando, como em dores de parto, a revelação plena da nova criação.

#### **4.3.3 A Segurança Invencível (Romanos 8:28-39)**

Paulo conclui com uma das afirmações mais poderosas sobre a segurança do cristão: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Romanos 8:28, ACF). Esta não é esperança vaga, mas conhecimento certo. Todas as coisas (inclusive o pecado e o sofrimento) cooperam para o bem dos eleitos.

Paulo estabelece a cadeia inquebrantável da salvação (vv. 29-30): pré-conhecimento, pré-destinação, chamado, justificação, glorificação, sequência que garante que aqueles que Deus iniciou serão certamente completados. Nesse ponto, a doutrina da perseverança dos santos se torna evidente. Como observa Wayne Grudem (2020, p. 1068), o Novo Testamento fornece sólida evidência de que “os que verdadeiramente nasceram de novo perseverarão até o fim”, porque seria injusto qualquer condenação recair sobre aqueles cuja penalidade pelo pecado “já foi paga integralmente” em Cristo. A segurança do crente, portanto, não repousa em sua própria firmeza, mas na imutável fidelidade de Deus, que selou seus filhos com o Espírito Santo como “garantia” (Efésios 1:13–14, NVI), assegurando que alcançarão plenamente a herança prometida.

Então pergunta: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome?" (Romanos 8:35, ACF). Responde com confiança absoluta: "Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou" (v. 37, ACF).

Paulo conclui:

Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor (Romanos 8:38–39, ACF).

Nada, absolutamente nada, pode romper a união entre o cristão e o amor de Deus em Cristo. Nem forças espirituais, nem dimensões temporais, nem categorias espaciais possuem poder para separar o crente. Romanos 8 estabelece que nenhum sofrimento pode separar o cristão do amor de Deus em Cristo, porque, como reforça Grudem (2020, p. 1068), a própria fidelidade de Deus é a garantia última de que todos os que receberam o Espírito perseverarão até o fim.

#### **4.4 O CONHECIMENTO SUPREMO: FILIPENSES 3:10**

Enquanto Romanos 5 apresenta sofrimento como pedagógico e Romanos 8 como cósmico, Filipenses 3:10 revela sua dimensão cristológica pessoal: meio de conhecimento experiencial de Cristo.

##### **4.4.1 "Para Conhecê-Lo": Conhecimento Experiencial de Cristo**

Paulo declara: "Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte" (Filipenses 3:10, ACF). O verbo "conhecer" (γινῶναι) não se refere a conhecimento meramente intelectual, mas relacional e experiencial. Segundo o léxico BDAG, o verbo γινώσκω (do qual γινῶναι é o infinitivo aorista) significa "compreender, experimentar, entrar em relação íntima" (BDAG, 2000, p. 199). Trata-se de conhecimento vivido, não apenas percebido pela mente.

No Antigo Testamento, essa dimensão aparece, por exemplo, em "Adão conheceu Eva" (Gêneses 4:1, ACF), expressão que designa experiência profunda, pessoal e transformadora. Da mesma forma, conhecer a Cristo envolve participação existencial em sua vida, sofrimento e ressurreição.

Conforme F. F. Bruce (2019, p. 183), Paulo "encontrou em Cristo uma plenitude inexaurível; sempre havia mais a ser conhecido", indicando que o conhecimento de Cristo não é mera acumulação intelectual, mas realidade relacional e vital. Para Bruce, esse conhecimento é essencialmente união interpessoal, na qual o crente participa do "poder de sua ressurreição"

e experimentalmente, existencialmente, a vida do Cristo exaltado. Assim, conhecer Cristo não significa dominar conceitos doutrinários, mas participar dele, viver unido a Ele em comunhão contínua.

Paulo descreve seus vários privilégios judaicos: circuncidado, israelita, da tribo de Benjamim, fariseu zeloso, irrepreensível quanto à lei (Filipenses 3:5–6, NVI). Contudo, afirma que todos esses elementos, antes considerados ganhos, tornaram-se perda diante do valor supremo do conhecimento de Cristo. Como observa Ralph P. Martin (1985, p. 143–144), Paulo realiza aqui uma “reavaliação radical” após sua conversão, invertendo completamente sua antiga escala de valores: aquilo que outrora constituía “lucro” é agora tratado como “perda” e até mesmo como “refugo”, pois nada pode se comparar ao privilégio de “ganhar a Cristo”.

Este conhecimento constitui valor absoluto que relativiza todos os demais. Assim, Paulo declara: “Mas o que para mim era ganho reputei como perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo” (Filipenses 3:8, NVI). “Escória” (σκύβαλα), termo que, conforme o léxico grego–português de Gingrich e Danker (1984, p. 190), designa lixo, refugo ou esterco, expressa a radicalidade da reinterpretação paulina de valores, ao indicar aquilo que é considerado totalmente sem valor ou desprezível. Tudo o que antes era tido como ganho passa a ser compreendido como perda diante do valor supremo de conhecer Cristo.

#### 4.4.2 O Paradoxo do Conhecimento: Ressurreição e Sofrimento

Filipenses 3:10 estabelece conexão explícita: “Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte”. O conhecimento genuíno de Cristo não é compartimentalizado. Não é possível conhecer apenas seu poder ressurreto sem participar também de seus sofrimentos.

A palavra “comunicação” (κοινωνία) expressa a ideia de participação, compartilhamento, comunhão íntima. No uso do Novo Testamento, o termo não descreve mera associação externa, mas envolvimento real naquilo que é compartilhado. Conforme os léxicos, κοινωνία significa “participação conjunta, partilha ativa, envolvimento em algo” (BDAG, 2000, p. 552).

Assim, Paulo não deseja apenas compreender intelectualmente que Cristo sofreu, mas participar (κοινωνία) das suas aflições, sofrer *com* Cristo, identificar-se com Ele, e ser progressivamente conformado à sua morte. Trata-se de relação existencial em que a experiência do discípulo espelha a experiência do Mestre.

Este nexos integra os pilares anteriores. Em Romanos 5, o sofrimento produz virtudes cristãs. Em Romanos 8, participa da redenção cósmica. Aqui em Filipenses, é meio de conhecimento mais profundo de Cristo. Sofrer com Cristo não é punição, mas oportunidade privilegiada de conformação à imagem do Filho.

#### **4.4.3 "Conformado à Sua Morte": Identificação Total com Cristo Crucificado**

Paulo conclui: "sendo feito conforme à sua morte", o verbo significa ser progressivamente conformado à imagem de Cristo crucificado. Esta conformidade refere-se à morte para o pecado (mortificação contínua — Romanos 8:13, ACF), disposição de sofrer fisicamente pelo evangelho, e identificação existencial com Cristo em seu caminho de humilhação e exaltação.

Crucialmente, é processo progressivo. O particípio presente indica ação contínua — Paulo não afirma ter alcançado plenamente, mas estar sendo progressivamente transformado. Como reconhece: "Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar" (Filipenses 3:12, ACF). A conformidade é tanto realidade presente quanto objetivo futuro, a tensão do "já" e "ainda não" que caracteriza a existência cristã.

#### **4.4.4 O Sofrimento como Via de Conhecimento**

Filipenses 3:10 revela que o sofrimento é fundamentalmente via de conhecimento experiencial de Cristo. Paulo não busca masoquisticamente; busca conhecer a Cristo, reconhecendo que este conhecimento inclui necessariamente participação em ressurreição e sofrimentos.

Como observa J. I. Packer (2005, p. 233), Deus utiliza as provações como meios pedagógicos para aprofundar nossa comunhão com Ele: "A meta de Deus em enviar provações é fazer-nos amadurecer espiritualmente. Ele deseja que crescamos, e as provações servem para despertar e aprofundar o nosso conhecimento de Deus".

Assim, sofrer "com Cristo" não é um acidente espiritual, mas parte da maneira como Deus forma Seus filhos.

Os três textos revelam progressão teológica: Romanos 5:3-5 mostra sofrimento produzindo caráter cristão. Romanos 8:18-39 situa o sofrimento em panorama cósmico. Filipenses 3:10 culmina mostrando que o propósito último é conhecer a Cristo, conformidade à morte e participação na ressurreição.

O sofrimento não é acidental, mas instrumental na conformação à imagem de Cristo. Cada aflição, vivida em união com Cristo sob sua soberania, aprofunda conhecimento de Cristo, fortalece caráter e prepara para glória vindoura. Nesta narrativa redentora, nenhuma tribulação é desperdiçada; cada uma opera transformação de obstáculos em oportunidades de conformação a Cristo e antecipação da glória futura.

## **5 PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E PASTORAIS DO SOFRIMENTO EM PAULO**

Ao longo deste trabalho, exploramos a teologia paulina do sofrimento em suas dimensões cristológicas, soteriológicas e eclesiais. Este capítulo sintetiza os principais achados, demonstrando como Paulo transforma o sentido da dor à luz do mistério pascal.

### **5.1 SÍNTESE DA TEOLOGIA PAULINA DO SOFRIMENTO**

#### **5.1.1 O sofrimento como participação no mistério pascal**

A categoria teológica central é a participação no mistério pascal. O conceito de união com Cristo constitui o fundamento: o batismo insere o cristão no movimento de morte e ressurreição de Cristo, tornando seus sofrimentos prolongamento histórico da Páscoa. Quando Paulo expressa seu desejo de conhecer "a comunhão dos seus sofrimentos" (Filipenses 3:10, ARA), afirma participação efetiva na experiência pascal de Jesus.

A compreensão paulina está enraizada em sua escatologia tensiva: entre o "já" da salvação inaugurada e o "ainda não" de sua consumação. A vitória de Cristo foi conquistada na cruz, mas sua manifestação plena aguarda o segundo advento. Neste "entre-tempo", o sofrimento assume função configuradora. Conforme Romanos 8:18-25, a criação geme aguardando a revelação dos filhos de Deus. Os cristãos gemem igualmente, esperando redenção plena, este "gemitivo" sinaliza salvação presente mas ainda não consumada.

Para Paulo, o sofrimento marca distintivamente o ministério apostólico autêntico. Apresenta suas fraquezas como credenciais apostólicas, o catálogo de tribulações (2 Coríntios 11:23-29) é glória paradoxal. A autenticidade apostólica não se mede por êxitos externos, mas por participação nos sofrimentos de Cristo. O apóstolo verdadeiro "carrega sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste" (2 Coríntios 4:10, ARA). Em Colossenses 1:24, afirma que "completa na própria carne o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu corpo, que é a Igreja" (NVI).

#### **5.1.2 A dimensão cristológica e soteriológica**

No centro está Cristo crucificado e ressuscitado. A cruz, escândalo e loucura (1 Coríntios 1:23, NVI), torna-se revelador do amor de Deus e modelo definitivo de ação divina. O hino de Filipenses 2:6-11 (NVI) apresenta esvaziamento e exaltação como paradigma: Deus manifesta poder através da fraqueza, sabedoria através da cruz, vida através da morte.

A teologia paulina inverte radicalmente os valores mundanos. Em 2 Coríntios 12:9-10, diante de seu "espinho na carne" e insistente oração para ser liberto deste espinho, Paulo ouve: "E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza." (ARC). Sua resposta então é: "De boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo" e "Quando sou fraco, então é que sou forte".

Deus manifesta seu poder salvífico precisamente através da cruz. A fraqueza humana torna-se lugar privilegiado da manifestação do poder divino. Paulo estabelece dialética fundamental entre cruz e glória. Em Romanos 8:18: "Os sofrimentos do tempo presente não são dignos de comparação com a glória que há de ser revelada em nós" (NVI). Em 2 Coríntios 4:17: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória" (ARC).

### **5.1.3 A dimensão eclesial e comunitária**

A teologia paulina do sofrimento é essencialmente eclesial. Paulo pensa o sofrimento em referência ao Corpo de Cristo. Há valor no sofrimento apostólico vivido "em favor de" a comunidade. A Igreja é corpo de Cristo com interdependência vital (1 Coríntios 12:12-27, ACF): quando um sofre, todos sofrem. O testemunho de quem sofre com fé fortalece todo o corpo.

Paulo utiliza *κοινωνία* (comunhão) para descrever relações no sofrimento: "comunhão dos sofrimentos" (Filipenses 3:10, ARA) une cristãos a Cristo e uns aos outros. A compaixão torna-se exigência ontológica da união em Cristo. Em 2 Coríntios 1:3-7, Deus "nos consola em toda tribulação, para que possamos consolar os que estiverem em angústia" (ACF).

Paulo compreende o sofrimento cristão como instrumento de testemunho missionário. As tribulações não obstaculizam a missão, mas a promovem. Suas correntes tornam-se ocasião para proclamar o Evangelho (Filipenses 1:12-14, NVI); suas fraquezas revelam o poder de Cristo. Os tessalonicenses receberam a palavra em tribulação com alegria, tornando-se "modelo para todos" (1 Tessalonicenses 1:6-7, NVI).

## **5.2 IMPLICAÇÕES PASTORAIS PARA A IGREJA CONTEMPORÂNEA**

### **5.2.1 Ressignificação do sofrimento na experiência cristã**

A teologia paulina contrapõe-se à "teologia da prosperidade". Paulo advertiu que "todos os que querem viver piedosamente em Cristo serão perseguidos" (2 Timóteo 3:12, ARA). A verdadeira prosperidade cristã mede-se pela conformação a Cristo e esperança futura, não por bens materiais. O acompanhamento pastoral deve ser realista (reconhece a dor) e esperançoso (situa-a no mistério pascal).

Como Paulo ensina (2 Coríntios 1:3-7, NVI), os consolados por Deus podem consolar outros. A comunidade deve valorizar quem atravessou sofrimentos com fé como instrumentos de consolo. O ministério pastoral exige discernimento: há sofrimento que participa do mistério pascal (testemunho do Evangelho, adversidades por fidelidade a Cristo) a ser abraçado com sentido. Mas a teologia paulina não justifica opressão ou violência. Há sofrimentos a suportar com fé (doenças, perseguição) e sofrimentos a combater ativamente (injustiça estrutural).

### **5.2.2 Práticas pastorais inspiradas em Paulo**

A eclesiologia do Corpo de Cristo fundamenta práticas de solidariedade efetiva. Se "quando um membro sofre, todos sofrem com ele" (1 Coríntios 12:26, NVI), a indiferença nega a realidade eclesial. A *koinonia* deve manifestar-se concretamente: apoio material, acompanhamento espiritual-emocional, redes de suporte comunitário. A comunidade cristã deveria ser lugar onde ninguém sofre sozinho.

A dinâmica do consolo em 2 Coríntios 1:3-7 (NVI) oferece modelo pastoral. Pessoas que atravessaram sofrimentos e encontraram consolo devem compartilhar como palavra de esperança. Grupos de partilha, onde pessoas com experiências semelhantes apoiam-se mutuamente, expressam a prática da teologia. O "ministério de presença" (estar-com o outro em sua dor) frequentemente é mais valioso que respostas ou soluções.

A perspectiva escatológica paulina é essencial para pastoral equilibrada. Paulo situa o sofrimento presente no horizonte da glória futura (Romanos 8:18, NVI), oferecendo certeza de que a configuração a Cristo culminará em participação plena de sua glória. Pastoralmente, isto implica nutrir sólida esperança escatológica.

### **5.2.3 Desafios contemporâneos**

Um desafio pastoral urgente é integrar adequadamente a compreensão teológica do sofrimento com conhecimentos sobre saúde mental. A teologia paulina não deve espiritualizar patologias que requerem tratamento profissional. É fundamental distinguir: sofrimento existencial pode ter sentido redentor quando unido a Cristo; condições clínicas requerem acompanhamento especializado. O acompanhamento pastoral responsável encoraja buscar ajuda profissional sem que isto seja visto como falha espiritual.

A cultura contemporânea busca incessantemente bem-estar e conforto, vendo o sofrimento como inimigo absoluto. O desafio pastoral é apresentar perspectiva bíblica: o cristianismo não glorifica a dor; é legítimo buscar alívio. Porém, mentalidade que absolutiza conforto é incompatível com seguimento de Cristo.

Embora no Ocidente o cristianismo não enfrente perseguição violenta, em várias partes do mundo cristãos são perseguidos. A teologia paulina é especialmente relevante. Paulo escreveu para comunidades que enfrentavam oposição, oferecendo presença divina, sentido no sofrimento e glória futura. A pastoral em contextos de perseguição deve incluir: preparação realista; fortalecimento da identidade cristã; comunidades solidárias; esperança escatológica. O testemunho de cristãos perseguidos que mantêm fé torna-se fonte de inspiração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a teologia do sofrimento desenvolvida pelo apóstolo Paulo em suas epístolas, analisando de que modo o sofrimento é compreendido não como obstáculo à fé, mas como instrumento pedagógico e redentor na economia divina. Conforme apresentado na introdução, a pesquisa buscou responder como Paulo interpreta suas próprias aflições e quais contribuições essa compreensão oferece para a prática pastoral contemporânea.

Ao longo do desenvolvimento, foi demonstrado que o sofrimento ocupa lugar central na teologia paulina e está intrinsecamente ligado à união do crente com Cristo. A análise das epístolas de Romanos, 2 Coríntios, Filipenses e 2 Timóteo evidenciou que Paulo compreende o sofrimento cristão como participação real no mistério pascal. A experiência do apóstolo confirma que a fidelidade ao evangelho frequentemente conduz à dor, às perseguições e às privações, mas tais experiências não indicam abandono divino, antes expressam conformação ao Cristo crucificado e ressuscitado.

A pesquisa também demonstrou que a teologia paulina do sofrimento promove uma inversão radical dos valores humanos. Aquilo que o mundo associa à fraqueza e ao fracasso torna-se, na lógica da cruz, espaço privilegiado da manifestação do poder de Deus. A cruz revela-se como sabedoria divina, e o sofrimento apostólico não deslegitima, mas autêntica a mensagem do evangelho. Essa inversão teológica atravessa toda a reflexão paulina, especialmente em textos como 2 Coríntios 12 e Filipenses 1, nos quais o sofrimento é reinterpretado como meio para o avanço do evangelho e para a edificação da igreja.

Outro aspecto evidenciado ao longo do trabalho foi a dimensão essencialmente eclesial do sofrimento. Paulo não concebe a dor de forma individualista, mas sempre em referência ao Corpo de Cristo. O sofrimento de um membro reverbera na comunidade, assim como o consolo recebido é compartilhado com outros. Essa compreensão fundamenta práticas comunitárias de solidariedade, cuidado mútuo e encorajamento, demonstrando que o sofrimento, quando vivido em comunhão, não é experiência solitária, mas espaço de edificação coletiva.

Além disso, a pesquisa destacou a tensão escatológica presente na teologia paulina. Entre o “já” da salvação inaugurada e o “ainda não” da glória futura, o sofrimento assume função pedagógica e configuradora. Embora real e doloroso, ele é relativizado pela esperança

escatológica, que permite ao cristão atravessar as tribulações com confiança na fidelidade de Deus e na promessa da redenção plena.

Dessa forma, conclui-se que a teologia paulina do sofrimento oferece contribuições teológicas e pastorais relevantes para a Igreja contemporânea. Em um contexto marcado pela busca do bem-estar imediato e pela negação do sofrimento como parte da vida cristã, Paulo apresenta uma perspectiva bíblica equilibrada, que reconhece a realidade da dor sem esvaziar o sentido da esperança. Sua reflexão capacita líderes e comunidades a oferecerem acompanhamento pastoral realista, compassivo e fundamentado na graça divina.

Por fim, a teologia paulina do sofrimento não se apresenta como formulação abstrata, mas como sabedoria existencial forjada na experiência concreta do ministério apostólico. O testemunho de Paulo, marcado por fidelidade, esperança e perseverança em meio às aflições, continua a orientar a Igreja a compreender que, em Cristo, o sofrimento não possui a palavra final, mas é situado à luz da glória futura prometida por Deus.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991.
- BRUCE, F. F. *Paul: Apostle of the Heart Set Free*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- BRUCE, F. F. *Philippians*. Peabody: Hendrickson, 1989.
- CALVINO, João. *Pastorais*. Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos: Fiel, 2009.
- CARSON, D. A. *A difícil doutrina do amor de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- CARSON, D. A. et al. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- DANKER, Frederick W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- FEE, Gordon D. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento: grego-português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.
- HENDRIKSEN, William. *Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- HENDRIKSEN, William. *Filipenses: Comentário do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- KELLY, J. N. D. *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1994 (reimp. 2011).
- KELLY, J. N. D. *Comentário das Epístolas Pastorais*. São Paulo: Vida Nova, 1983 (reimp. 2005).
- KRUSE, Colin. *2 Coríntios: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1994 (reimp. 2011).
- MACARTHUR, John. *A verdade sobre a graça: o agir de Deus na vida do cristão*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. Série Cultura Cristã. 1. ed. 1982. Reimp. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- MARTIN, Ralph P. *Filipenses: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- MURRAY, John. *Romanos*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Fiel, 2003.
- MYATT, Alan; FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, 2002.
- PACKER, J. I. *O conhecimento de Deus*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

- PIPER, John. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. São Paulo: Shedd, 2001.
- PLANTINGA, Alvin. *Deus, a liberdade e o mal*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- SCHREINER, Thomas R. *Paulo: apóstolo da glória de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- STOTT, John R. W. *A mensagem de 2 Coríntios*. São Paulo: ABU, 2001.
- STOTT, John R. W. *A mensagem de Romanos*. São Paulo: ABU, 2000.
- THAYER, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1889.
- THAYER, Joseph Henry. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Peabody: Hendrickson, 1996.
- TOMÁS DE KEMPIS. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Paulus, 2001.

## GLOSÁRIO

Arrabōn – Termo grego que significa “garantia”, “depósito” ou “primeira parcela”, usado por Paulo para se referir ao Espírito Santo como penhor da herança futura (Efésios 1:14).

Autenticidade apostólica – Critério pelo qual o ministério apostólico é validado por meio de sofrimento, fidelidade, perseverança e verdade doutrinária.

Comunhão (κοινωνία, koinōnía) – Participação íntima e compartilhada; refere-se especialmente à participação nos sofrimentos de Cristo e no corpo de Cristo.

Conformidade (συμμορφιζόμενος, symmorphizómenos) – Processo de ser moldado à semelhança da morte de Cristo (Filipenses 3:10).

Doxologia – Expressão de louvor e exaltação a Deus, geralmente ao final de uma seção teológica.

δοκιμή (dokimē) – Palavra grega para “caráter aprovado”, qualidade forjada por meio de tribulação.

ἐλπίς (elpis) – Termo grego para “esperança”, referindo-se à confiança firme no futuro garantido por Deus.

ἐπισκηνώση (episkēnōsē) – Verbo grego que significa “colocar a tenda sobre”, “cobrir”, “habitar”. Descreve a presença de Cristo repousando sobre o crente (2 Coríntios 12:9).

Esperança escatológica – Expectativa segura quanto à glória futura, ressurreição do corpo e consumação da salvação.

Espinho na carne – Sofrimento específico permitido por Deus para manter Paulo humilde (2 Coríntios 12:7).

Guarda pretoriana – Corpo de elite militar romano encarregado de proteger o imperador e vigiar prisioneiros importantes, incluindo Paulo.

Hypomonē (ὑπομονή) – Perseverança ativa e resiliente diante de provações.

Justificação – Ato divino pelo qual Deus declara justo o pecador que crê em Cristo.

Libação – Oferta líquida derramada em rituais; Paulo usa como metáfora para sua própria morte (2 Timóteo 4:6).

Mistério Pascal – Doutrina segundo a qual o cristão participa espiritualmente da morte e ressurreição de Cristo.

Mortificação – Processo contínuo de morte para o pecado (Romanos 8:13).

παρέστη (parestē) – Verbo grego que significa “estar ao lado”, “assistir”, indicando a presença ativa do Senhor com Paulo (2 Timóteo 4:17).

πάσχω (páschō) – Verbo grego para “sofrer”, utilizado por Paulo para descrever provações físicas e espirituais.

Pai das misericórdias – Título atribuído a Deus (2 Coríntios 1:3) enfatizando seu cuidado consolador.

Pedagogia divina – Entendimento de que Deus usa o sofrimento como ferramenta formativa para moldar o caráter do crente.

Perseverança dos santos – Doutrina segundo a qual aqueles regenerados pelo Espírito certamente perseverarão na fé até o fim.

προκοπή (prokopē) – Termo grego que significa “progresso”, especialmente avanço removendo obstáculos; usado para “progresso do evangelho” (Filipenses 1:12).

Procissão triunfal – Metáfora paulina que retrata Deus conduzindo o ministério apostólico como em um triunfo romano (2 Coríntios 2:14).

Primícias do Espírito – Expressão paulina que indica antecipação da glória futura experimentada pelo crente no presente (Romanos 8:23).

Selo do Espírito – Garantia da salvação e da herança futura dada pelo Espírito Santo (Efésios 1:13-14).

Soberania divina – Doutrina que afirma que Deus governa todas as circunstâncias e cumpre seus propósitos eternos.

Sufrimento apostólico – Conjunto de aflições e perseguições enfrentadas por Paulo e outros apóstolos devido à sua missão.

Sufrimento redentor – Sofrimento que, unido a Cristo, promove crescimento espiritual e avanço do evangelho.

Synergei (συνεργεῖ) – Verbo grego que significa “cooperar”, usado em Romanos 8:28 para descrever como todas as coisas trabalham juntas para o bem dos crentes.

Teodiceia – Tentativa teológica de explicar como o mal pode coexistir com a bondade e soberania de Deus.

Thlípsis (θλίψις) – Termo grego frequentemente usado por Paulo para “aflição”, “pressão intensa”, “tribulação”.

União com Cristo – Doutrina que afirma que o crente está espiritualmente unido a Cristo em sua morte, ressurreição e vida eterna.